

## VOCÊ QUER TER FILHOS? PROCESSO DE DECISÃO ENTRE MULHERES E HOMENS HETEROSSEXUAIS BRASILEIROS

*Jade Wagner Bernardes*

*Angela Helena Marin*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil

### RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar e comparar os motivos relacionados a intenção de ter ou não ter filhos ou de adiar a parentalidade entre mulheres e homens heterossexuais. Realizou-se um estudo exploratório e comparativo, de abordagem mista, do qual participaram 278 indivíduos que estavam em relacionamento heterossexual há, no mínimo, três anos ou coabitando há três meses. Eles responderam ao Questionário de Dados Sociodemográficos e a Escala de Motivos Face à Parentalidade. O desejo de ter filhos foi expresso por 166 participantes, enquanto 60 relataram que não queriam e 52 que não sabiam. Dentre os motivos para não ter filhos, os que não desejavam ou estavam indecisos pontuaram mais nas dimensões de interferência no estilo de vida e antecipação de problemas, enquanto os que desejavam ter filhos pontuaram mais nas escalas de enriquecimento emocional e reconhecimento social. Complementarmente, a análise temática revelou a influência de modelos sociais tradicionais e contemporâneos quanto a intenção de ter ou não filhos, refletindo ambivalências e dúvidas associadas à variáveis individuais, relacionais e socioeconômicas, sinalizando a complexidade do processo de tomada de decisão quanto a parentalidade.

**Palavras-Chave:** Tomada de decisão; Parentalidade; Motivos; Brasil.

### DO YOU WANT TO HAVE CHILDREN? DECISION-MAKING PROCESS BETWEEN BRAZILIAN HETEROSEXUAL WOMEN AND MEN

### ABSTRACT

The present study aimed to identify and compare the reasons for having or not having children and postponing parenthood among heterosexual men and women. It is a mixed study, with an exploratory and comparative design, composed of 278 individuals in a relationship for at least three years or cohabitating with a partner for at least three months. They answered the Sociodemographic data questionnaire and the Motives Towards Parenthood Scale. One hundred sixty-six participants expressed the intention to have children, 60 reported the intention to remain childless, and 52 were unsure about the topic. Among the reasons for not having children, those who do not want children or were undecided presented higher scores on the dimensions of interference in lifestyle and anticipation of problems, while those who want children would score more on the emotional enrichment and social recognition scales. The thematic analysis revealed the influence of traditional and contemporary social models regarding childbearing intentions, reflecting ambivalences and doubts related to individual, relational, and socioeconomic variables, signaling the complexity of the decision-making process regarding parenthood.

**Keywords:** Decision making; Childbearing; Motives; Brazil.

## ¿QUIERES TENER HIJOS? PROCESO DE DECISIÓN ENTRE MUJERES Y HOMBRES HETEROSEXUALES BRASILEÑOS

### RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo identificar y comparar los motivos relacionados con la intención de tener, no tener hijos o posponer la paternidad entre mujeres y hombres heterosexuales. Se realizó un estudio exploratorio y comparativo, con enfoque mixto, en el que participaron 278 individuos que mantenían una relación heterosexual desde hacía al menos tres años o convivían desde hacía tres meses. Respondieron el Cuestionario de Datos Sociodemográficos y la Escala de Motivos de Crianza. El deseo de tener hijos fue expresado por 166 participantes, mientras que 60 informaron que no querían y 52 que no lo sabían. Entre los motivos para no tener hijos, los que no querían o estaban indecisos obtuvieron puntuaciones más altas en las dimensiones de interferencia en el estilo de vida y anticipación de problemas, mientras que quienes querían tener hijos obtuvieron puntuaciones más altas en las escalas de enriquecimiento emocional y reconocimiento social. Complementariamente, el análisis temático reveló la influencia de modelos sociales tradicionales y contemporáneos respecto de la intención de tener hijos o no, reflejando ambivalencias y dudas relacionadas con variables individuales, relacionales y socioeconómicas, señalando la complejidad del proceso de toma de decisiones en cuanto a paternidad.

**Palabras Clave:** Toma de decisiones; Paternidade; Motivos; Brasil.

A intenção de ter filhos é um fenômeno complexo, impactado por variáveis do microsistema, mesosistema e macrosistema (Hashemzadeh et al., 2021). Em relacionamentos heterossexuais ainda se observa que há um imperativo e naturalização da parentalidade (Alvarez, 2018; Ashburn-Nardo, 2017; Biffi & Granato, 2017), ao mesmo tempo em que aspectos como autonomia, sucesso profissional e individualidade têm sido valorizados socialmente e associados a um estilo de vida *childfree* (Biffi & Granato, 2017).

A coexistência de exigências sociais e modelos contemporâneos e tradicionais, característica de momentos de transição, pode fazer com que o processo de tomada de decisão suscite ambivalências e dúvidas aos casais, impactando as intenções reprodutivas dos indivíduos. No Brasil, o número de casais que coabitam e não possuem filhos cresceu de 15.2% (2005) para 20% (2015) (IBGE, 2016), sendo que na região Sul, a porcentagem chega à 32%. Atualmente, a taxa de fertilidade no país é de 1.74, a mesma encontrada em regiões da Europa e Estados Unidos (ONU, 2020), e a taxa de natalidade menor do que a média mundial (ONU, 2019).

A queda das taxas de fertilidade tem justificado estudos em diferentes contextos, como na Europa (Kreyenfeld & Konietzka, 2017), Ásia e África (Ambrosetti et al., 2021; Pourreza et al., 2021), Oceania (Carmichael & Whittaker, 2007; Lazzari, 2021), América Latina (Bernardes & Marin, 2023; Castro & Tapia, 2021; Varas & Borsa, 2021) e América do Norte (Rybińska, 2020), embora a maioria tenha seu foco sobre as intenções reprodutivas das mulheres (Hashemzadeh et al., 2021; Rios & Gomes, 2009b). Especificamente no Brasil, estudos mais atuais têm investigado os motivos relacionados ao adiamento do projeto parental, suas ambivalências entre homens e mulheres (Bernardi et al., 2018; Bernardi et al., 2019) e as características dos casais que optam por não ter filhos (Coelho et al., 2020; Leal et al., 2023). De modo geral, eles são de natureza qualitativa e contam com amostras pequenas.

De forma quantitativa, destaca-se o estudo realizado por Bernardes e Marin (2023), que avaliou fatores individuais e relacionais associados a tomada de decisão reprodutiva em indivíduos heterossexuais brasileiros, sem filhos, que estavam em um relacionamento,

identificando que as mulheres eram mais propensas a opção de permanecer sem filhos, bem como aqueles de idade mais avançada, maior nível educacional e com menor renda mensal. Além disso, os participantes que apresentaram maiores escores em autonomia e agressão e que percebiam melhores níveis de satisfação emocional no relacionamento, também apresentaram maior probabilidade de optar por não ter filhos. De forma semelhante, Varas e Borsa (2021), que avaliaram a motivação para a parentalidade, observaram que as mulheres apresentavam maiores níveis de motivação negativa, assim como indivíduos mais velhos. Ainda destacaram a religiosidade como o preditor mais forte da motivação positiva.

Frente ao exposto, constata-se que a temática é relevante e carece de mais investigações nacionais. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo identificar e comparar os motivos relacionados a intenção de ter ou não ter filhos ou de adiar a parentalidade entre mulheres e homens heterossexuais.

## MÉTODO

### DELINEAMENTO E PARTICIPANTES

Trata-se de um estudo exploratório e comparativo, de abordagem mista (Sampieri et al., 2013; Shaughnessy et al., 2012), do qual participaram 278 indivíduos de 18 a 62 anos ( $M = 28.9$ ;  $SD = 5.7$ ), dos quais 106 eram casais ( $n = 212$ ). Eles foram acessados por conveniência e indicação (Biernacki & Waldorf, 1981), considerando como critérios de inclusão ter mais de 18 anos, estar em um relacionamento heterossexual há, no mínimo, três anos, ou coabitando há, no mínimo, três meses.

As mulheres compuseram 59.7% da amostra ( $n = 166$ ) e os homens 40.3% ( $n = 112$ ). O tempo médio de relacionamento foi de 7.6 anos ( $SD = 5.13$ ), variando de seis meses a 44 anos. Dentre os participantes, 166 referiram a intenção de ter filhos, 60 de não os ter e 52 estavam indecisos. A maior parte deles já tinha conversado com a/o parceira/o sobre ter filhos (98.2%) e referiu conhecer a perspectiva da/do cônjuge, sendo que 177 (63.7%) relatam que a/o parceira/o queria ter filhos, 66 (23.7%) não queria, e 35 (12.6%) que não sabia a percepção da/o outro. Demais características podem ser visualizadas na Tabela 1.

**Tabela 1**

*Caracterização da Amostra (N = 278).*

Categorias		n	%
Status conjugal	Namorando	64	23.0
	Morando juntos	71	25.5
	União estável	67	24.1
	Casado	76	27.3
Trabalha atualmente	Sim	234	84.2
	Não	44	15.8
Renda mensal do casal	Menos de um salário-mínimo	8	2.9
	Um a dois salários-mínimos	55	19.8
	Três a cinco salários-mínimos	105	37.8
	Mais de cinco salários-mínimos	101	36.3
	Não sei	9	3.2
Escolaridade	Ensino médio completo	24	8.6
	Ensino superior incompleto	110	39.6
	Ensino superior completo	70	25.2
	Pós-graduação	74	26.6

## INSTRUMENTOS

*Questionário de dados sociodemográficos*: elaborado pelas autoras para obtenção de dados como idade, sexo, escolaridade, status de relacionamento, desejo de ter filhos, entre outros. Os participantes também foram convidados a responder à questão aberta: “Porque você deseja ou não ter filhos?”, com o objetivo de explorar sua percepção e quais aspectos se associavam a intenção de ter filhos.

*Escala de Motivos Face à Parentalidade – EMFP* (Matias & Fontaine, 2013): instrumento composto por 30 itens que avaliam motivos para se ter ou não filhos, divididos em quatro subescalas: interferência no estilo de vida e antecipação de problemas, que se referem a motivos para não ter filhos; e enriquecimento emocional e reconhecimento social, que envolvem motivos para ter filhos. As respostas atendem a uma escala do tipo Likert de seis pontos (1 “discordo totalmente” a 6 “concordo totalmente”), cuja soma dos itens de cada subescala gera um escore. A escala apresenta bons índices psicométricos de estabilidade fatorial e confiabilidade para a população portuguesa (alfas de Cronbach de 0.74 a 0.87). Como não há validação para a população brasileira, calcularam-se os indicadores de confiabilidade, os quais foram satisfatórios (interferência no estilo de vida: 0.85; antecipação de problemas: 0.60; enriquecimento emocional: 0.90; reconhecimento pessoal: 0.70).

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS, DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Este estudo é um recorte de uma pesquisa maior, intitulada “Fatores individuais e relacionais associados à motivação para a parentalidade”, que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (CAAE: 80610617.2.0000.5344), conforme orienta a legislação brasileira. A divulgação da coleta de dados ocorreu de forma presencial e virtual, com opção de preenchimento dos questionários de forma física (em papel) ou remota (via GoogleForms). A anuência da participação foi garantida por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), presente em duas vias no kit de instrumentos físicos e na primeira página do formulário on-line. Os participantes foram orientados a responder os questionários individualmente, sem compartilhamento com a/o cônjuge. Em ambas as modalidades, o tempo de preenchimento foi de 40 a 60 minutos.

Os dados quantitativos obtidos foram analisados por meio de estatísticas descritivas (distribuição absoluta e relativa, medidas de tendência central e dispersão) e inferenciais (ANOVA One-way, com post hoc de Bonferroni), por meio do *software* estatístico SPSS 22.2 (*Statistical Package for Social Science*). Já os dados qualitativos foram analisados por meio da análise temática (Braun & Clarke, 2006), com temas definidos a partir das entrevistas, considerando os objetivos propostos pelo estudo. Para todas as análises realizadas, os participantes foram divididos nos seguintes grupos: quer ter filhos, não quer ter filhos, não sabe se quer ter filhos. Para descrever as falas dos participantes, optou-se pela referência a ordem de participação (número) e a indicação de ser mulher ou homem (M ou H), por exemplo P002M.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes que não tinham a intenção de ter filhos e aqueles que estavam indecisos pontuaram mais do que os que desejam ter filhos quanto à interferência no estilo de vida, que compreende o desenvolvimento profissional, individualismo, autonomia e independência, além da preocupação financeira; e antecipação de problemas, que se refere a preocupações quanto à gestação, desenvolvimento e educação da criança, bem como sobre possíveis dificuldades conjugais que possam surgir nesse processo. Em contraponto, os que desejavam ser mãe/pai pontuaram mais do que os indecisos e os que não queriam filhos em enriquecimento emocional,

e mais do que esses últimos em reconhecimento social. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 2.

**Tabela 2**

*Comparação (ANOVA) entre os grupos que queria (sim), não queria (não) e não sabia se queria (não sei) ter filhos quanto aos motivos para parentalidade.*

Dimensões	Grupos						F	p	Post Hoc de Bonferroni	
	Não (N)		Sim (S)		Não sei (NS)				p	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP				
Interferência no estilo de vida	43.15	8.22	31.86	9.22	40.48	7.13	46.31	0.01	N - S	0.01
									N - NS	0.31
									S - NS	0.01
Antecipação de problemas	13.01	5.75	8.03	3.79	10.94	4.33	31.16	0.01	N - S	0.01
									N - NS	0.04
									S - NS	0.01
Enriquecimento emocional	17.88	10.03	34.25	8.04	24.73	8.40	88.04	0.01	N - S	0.01
									N - NS	0.01
									S - NS	0.01
Reconhecimento social	12.05	5.82	14.14	5.07	13.21	4.80	3.69	0.02	N - S	0.02
									N - NS	0.71
									S - NS	0.77

Os dados encontrados vão ao encontro da literatura, sinalizando que os indivíduos que desejam ter filhos percebem a experiência da parentalidade como uma oportunidade para o crescimento pessoal e para dar e receber afeto, assim como os que não tem o mesmo desejo reconhecem os seus custos, a interferência na vida e mais problemas (Matias et al., 2011; Matias & Fontaine, 2013). De fato, ter filhos pode ser uma experiência transformadora (Barbiero & Baumgarten, 2015) e enriquecedora, podendo prover aos indivíduos conexão emocional, intimidade relacional e relacionamentos significativos (Edin & Kefalas, 2011), bem como estimular o crescimento pessoal e o autoconceito, além de ativar laços sociais (Nomaguchi & Milkie, 2003). As demandas e recompensas da parentalidade parecem promover a adoção de um estilo de vida mais saudável pelos pais, no qual dão mais atenção para aspectos alimentares, assim como reduzem comportamentos de riscos, ainda que tenham menos tempo para cuidar de si (Nomaguchi & Milkie, 2020).

No intuito de aprofundar a compreensão dos dados e considerar as nuances presentes do processo de tomada de decisão sobre a intenção de ter filhos, realizou-se a análise temática das respostas à pergunta: “Porque você deseja ter ou não ter filhos?”. No processo de familiarização com o conteúdo das respostas, emergiram dois temas que refletiam o desejo de não ter filhos ou adiar a parentalidade, que são: 1) interferência no estilo de vida, composto por cinco subtemas, a saber: a) liberdade e autonomia; b) não identificação com o papel parental; c) indisponibilidade emocional para os compromissos e responsabilidades do papel parental; d) impacto na relação conjugal; e) investimento financeiro; e 2) aspectos sociais. Já quanto aos motivos para ter filhos, dois temas emergiram no processo de análise: 1) enriquecimento emocional, dividido em dois subtemas: a) desejo de vivenciar parentalidade; e b) crescimento pessoal e conjugal; e, 2) crenças e concepção de família, que igualmente englobou dois subtemas: a) naturalização da parentalidade; e b) continuidade à família.

## MOTIVOS PARA NÃO TER FILHOS OU PARA ADIAR A PARENTALIDADE

### INTERFERÊNCIA NO ESTILO DE VIDA

#### LIBERDADE E AUTONOMIA

A manutenção da liberdade e da autonomia foram motivos recorrentes para aqueles que optam por não ter filhos ou adiam a parentalidade. Conforme a Participante 45, a questão foi discutida pelo casal que considerou “o quanto muda a vida e limita as atividades que hoje gostamos de fazer, como esportes e viagens”. No mesmo sentido, a Participante 260 relatou: “conversamos sobre o caso de ter e eu já não preferiria, pois, a mãe fica privada de muita coisa. Hoje tenho uma liberdade que com filho não teria”; assim como a Participante 272 indicou: “temos muitos desejos e planos de vida que, com a parentalidade, seria inviável ou então mais difícil de concretizar. Temos a sensação de que a parentalidade traz mais uma ideia de aprisionamento do que de realização pessoal”. A Participante 63 descreveu o processo de tomada de decisão compartilhada, que foi revisto com o passar do tempo, sendo que ambos optaram por permanecer sem filhos ou adiar a parentalidade em razão da perda da liberdade:

Já conversamos e ambos pensávamos que nunca iríamos ter, por ser uma grande responsabilidade que acaba trazendo muitas limitações na liberdade individual e do casal. Em alguns momentos, depois de aproximadamente quatro anos juntos, aconteceram conversas em que criamos a hipótese de um filho, daqui uns 10 anos. Atualmente, não falamos disso.

Bernardes e Marin (2023) identificaram que indivíduos que optam por permanecer sem filhos apresentam maiores escores em autonomia do que aqueles que desejavam tê-los, indicando a necessidade de se sentirem livres, valorizarem a independência e desafiarem as convenções sociais, podendo ter dificuldade de lidar com emoções negativas, em especial, a frustração. Os dados também vão ao encontro dos identificados por Liefbroer (2005), que revelou que homens e mulheres dão importância semelhante à autonomia individual, percebendo a perda dela como um custo considerável com a chegada dos filhos. No entanto, as mulheres tendem a experimentá-la de forma mais acentuada, o que explica a hesitação em desistir de mudar profundamente seu estilo de vida e, de certa forma, renunciar sua liberdade ou assumir os riscos emocionais e financeiros da maternidade (Settle & Brumley, 2014). Destaca-se que a escolha por não ter filhos, para algumas mulheres, é tão natural quanto para as que desejam (Peterson & Engwall, 2013) e que, com o passar dos anos, elas podem reportar felicidade com a decisão, maior satisfação de vida e resiliência (Stahnke et al., 2020).

#### NÃO IDENTIFICAÇÃO COM O PAPEL PARENTAL

Nesta subcategoria, destacaram-se motivos associados especialmente a maternidade. Ainda que a opção de permanecer sem filhos tenha crescido com o passar dos anos, as mulheres parecem sofrer mais pressão e maior estigmatização social (Harrington, 2019; Peterson, 2015; Rios & Gomes, 2009). Tal concepção se chama maternidade compulsória e se refere à crença de que todas as mulheres aspiram ter filhos como parte de uma programação biológica (Hertz, 2006), o que foi mencionado pelas participantes: “acredito muito na teoria da maternidade compulsória, mas como mulher, nunca quis ter filhos” (P257M); “como mulher e ciente de que o ônus da criação de uma criança cai majoritariamente nas mãos da mãe, prefiro não ter filhos” (P239M). Ademais, a Participante 29, relatou que as crenças e expectativas associadas ao papel materno parecem ser “incompatíveis” com seus planos individuais e com os do casal:

Sempre quis buscar experiências fora do país e ser mãe me parecia um empecilho. No início do relacionamento até pensamos em ter filhos; depois fomos mudando de ideia,

pois vimos uma realidade muito dura para com as crianças. Nossos objetivos tornaram-se egoístas e decidimos de vez não termos filhos.

Os dados corroboram a literatura uma vez que sinalizam que a escolha de permanecer sem filhos está relacionada a rejeição e não identificação com os papéis materno e paterno (Carmichael & Whittaker, 2007; Rios & Gomes, 2009), permeadas por narrativas sociais e expectativas de gênero. Para a mulher, a pressão sociocultural parece afetar o desejo de ter ou não filhos (Harrington, 2019), visto que aquela que nega a maternidade tende a ser vista como egoísta, o que pode suscitar sentimentos de culpa, inadequação e vergonha (Peterson, 2015). Contudo, na revisão de literatura conduzida por Shapiro (2014), identificou-se que as mulheres que decidiam não ter filhos eram mais flexíveis quanto a papéis sociais e de gênero e que maiores níveis educacionais, situação profissional e desejo de construir carreiras de sucesso foram apontados como determinantes para tal decisão.

#### INDISPONIBILIDADE EMOCIONAL PARA AS RESPONSABILIDADES DO PAPEL PARENTAL

Essa subcategoria reflete a autoavaliação que cada indivíduo faz sobre suas capacidades, dificuldades e disponibilidades para a parentalidade. O Participante 69 relatou não “possuir estrutura e maturidade para isso” e o Participante 36, “simplesmente não tenho vontade ou disposição de criar uma pessoa ou me responsabilizar por alguém que ficará por 20 anos totalmente dependente de mim”. Ademais, ansiedade e impaciência foram atributos considerados incompatíveis com a parentalidade, como sugere o Participante 86: “não quero dispor de meu tempo livre e não tenho paciência para crianças”.

A percepção de *falta de disponibilidade emocional* faz com que homens, mulheres e casais sejam estigmatizados, visto que a narrativa social mais difundida ainda coloca a parentalidade como uma escolha madura e altruísta (Ashburn-Nardo, 2017; Blackstone & Stewart, 2016; Shapiro, 2014). No entanto, estudos na área da sociologia indicam que as pessoas que optam por permanecerem sem filhos apoiam o desenvolvimento da próxima geração de outras formas, preocupando-se com o coletivo e aproveitando os benefícios das diferentes redes sociais que teceram enquanto envelhecem (Blackstone, 2014).

#### IMPACTO NA RELAÇÃO CONJUGAL

Diversos participantes referiram preocupações sobre as possíveis consequências da chegada dos filhos sobre a relação do casal, a exemplo da Participante 21: “está muito bom assim, só nós dois. Muitas vezes, ao invés de unir mais o casal, acaba separando”. De forma semelhante, a Participante 125 comentou: “não tenho interesse em gestar uma criança. Tenho a percepção de que o filho acaba estragando o casamento”. Tais dados refletem a forma como as pessoas percebem o declínio da satisfação conjugal experimentado por casais na transição para a parentalidade (Lima & Alves, 2010), principalmente nos primeiros anos de vida da criança (Bogdan et al., 2022).

Adicionalmente, o Participante 30 descreveu a opção de “viver um relacionamento mais voltado um para o outro e para as coisas que gostamos de fazer”, o que pode indicar que encontram realização e satisfação na conjugalidade (Bernardes & Marin, 2023). Assim, é possível perceber que aqueles que optam por não ter filhos preferem dedicar seus afetos exclusivamente ao parceiro/a, investir na intimidade e compartilhamento de valores e interesses na igualdade entre os cônjuges, tornando o casamento uma prioridade central, o que favorece a construção de uma identidade conjunta (Rios & Gomes, 2009).

#### INVESTIMENTO FINANCEIRO

O alto investimento financeiro necessário para a criação dos filhos também foi citado como um motivo para não tê-los ou o desejo de investir em outros planos (lazer, educação, etc.), como sugeriu o Participante 50: “preferimos não ter, pois assim poderemos investir nosso tempo e dinheiro em nossas formações”. Para os que estão adiando o projeto parental, a segurança financeira se destacou e uma das razões elencadas foi a presença de “outras prioridades, como terminar a casa própria para fugir do aluguel e ter mais estabilidade financeira para a dedicação ao bebê” (P231M), assim como “ter uma vida financeira melhor para que ele (bebê) viva em boas condições (educação, saúde, bem-estar etc.)” (P163M).

Nota-se que a percepção de alto investimento e a necessidade de estruturação financeira pode fazer com que os jovens repensem a parentalidade, visando um momento de maior estabilidade econômica para ter filhos (Frisén et al., 2014; Matos & Magalhães, 2014). De forma específica, as mulheres avaliam a presença de filhos como algo que compromete seu estilo de vida, considerando a responsabilidade financeira que a parentalidade envolve (Peterson, 2015; Settle & Brumley, 2014). Tal recorte de gênero é importante uma vez que as mulheres ainda parecem precisar escolher o sucesso profissional/financeiro ou a maternidade, o que ocasiona a sensação de insegurança econômica e interfere nas decisões de trabalho (Settle & Brumley, 2014).

#### PROBLEMAS SOCIAIS

Preocupações com o contexto social também parecem exercer influência sobre a decisão de ter filhos (Blackstone & Stewart, 2016). Dentre elas, questões relativas ao macrosistema, como violência, situação socioeconômica, segurança pública foram indicadas pelos participantes: “penso no mundo como um lugar ruim. Não traria uma pessoa que amo a um lugar mal” (P164H); “não quero ter filhos, pois não acho o mundo um lugar digno e seguro” (P222M).

De modo geral, poucos estudos se debruçaram em compreender especificamente como a decisão de não ter filhos pode variar entre países, dependendo das condições sociais, econômicas e políticas (Peterson, 2015), bem como de questões relativas à violência, catástrofes naturais, poluição e desafios educacionais e de saúde (Albano, 2015). Nota-se que as mulheres parecem ser mais propensas a identificar preocupações sociais, como superpopulação e a percepção de que não desejam trazer filhos para um mundo que não consideram bom (Gold, 2013).

#### MOTIVOS PARA TER FILHOS

##### ENRIQUECIMENTO EMOCIONAL

##### DESEJO DE VIVENCIAR A PARENTALIDADE

Aqueles que desejavam ter filhos enfatizaram a aspiração por vivenciar a parentalidade, refletindo uma percepção positiva da tarefa: “gostamos de crianças, queremos viver essa experiência que, segundo dizem, é maravilhosa” (P130H); “é a realização de um sonho: sermos pais, educar, amar e criar um novo ser” (P243M). Os dados coadunam com os achados de Przybylska e Wajsprych (2019), que revelaram que a intenção de ter filhos se associava com o desejo de realizar um sonho, expressar amor e sentir-se completo. Tal percepção pode ser claramente percebida na motivação apresentada pela Participante 214: “acreditamos que formar uma família com uma criança seria maravilhoso para nós, pois nossa vida teria movimentos diferentes em relação ao cuidar do fruto do nosso amor, amizade”. Estudos anteriores já tinham indicado que os principais ganhos da parentalidade parecem estar mais associados ao seu sentido e propósito do que à felicidade (Lorenzo-Echeverri, 2020).

#### CRESCIMENTO PESSOAL E CONJUGAL

O desejo de ter filhos tem sido relacionado a percepção de que as mudanças que acompanham a parentalidade podem ser positivas e fonte de desenvolvimento pessoal (Sørensen et al., 2016). Nesse sentido, a Participante 189 referiu que ela e seu parceiro desejavam “ser pais para aprender com nossos filhos e para nos tornar pessoas melhores” e a Participante 212, complementou:

Apesar de sempre ter pensado nas mudanças positivas que podem advir de ter um filho, como o fato de aumentar a família, penso que deve ser um crescimento pessoal e relacional acompanhar o desenvolvimento dos filhos, bem como se implicar com a formação de uma pessoa.

Além disso, a transição para a parentalidade pode contribuir para a união conjugal, constituindo-se como um elo (Guedes et al., 2011), não sendo necessariamente um estressor, como já mencionado. De fato, no estudo de Riggs et al. (2018), os casais avaliaram a chegada dos filhos como algo que mobilizou um esforço de equipe e que fortaleceu o relacionamento do casal, fazendo com que esperassem que o relacionamento se mostrasse capaz de amortecer os possíveis estressores relacionados à parentalidade. A Participante 183 relatou “acredito que um filho vem para somar à vida do casal. Gostamos de crianças e temos desejo de aumentar a família”. Almeida-Santos et al. (2017) também apontaram o relacionamento conjugal e a estabilidade da relação como importantes fatores que afetam as intenções de ter filhos entre homens e mulheres.

Por fim, houve a manifestação do desejo de ter um filho especialmente com o/a parceiro/a, por exemplo: “desejo ter um filho especificamente com F. porque sinto segurança e amparo nele para fazermos isso juntos” (P59M). Sassler et al. (2009), estudando o planejamento e intenções reprodutivas, já tinham identificado que o contexto da relação e as características do parceiro/a eram determinantes para as decisões sobre a fertilidade.

#### CRENÇAS E CONCEPÇÕES DE FAMÍLIA

##### NATURALIZAÇÃO DA PARENTALIDADE

A ideia de que ter filhos é algo natural da vida ou parte da ordem esperada do curso de vida, reflete a naturalização da parentalidade, e é compartilhada por homens e mulheres (Riggs & Bartholomaeus, 2016a) e mantida pelo discurso social (Bhambhani & Inbanathan, 2020). A Participante 9 indicou que desejava ter filhos “por que parece ser a ordem natural da vida”, e o Participante 14 mencionou: “parece fazer parte da experiência humana e a ideia da continuação de uma linha hereditária nos agrada”. Dessa forma, corrobora-se a percepção de que a parentalidade, assim como outros papéis, parece estar a serviço de organizar a vida a partir de eventos cronologicamente esperados que envolvem estudar, encontrar um emprego, casar e ter filhos (Koropeckyj-Cox et al., 2018).

##### CONTINUIDADE À FAMÍLIA

Para além da perspectiva que os filhos dão legitimidade à família, como foi mencionado por alguns participantes: “ambos temos o desejo de formar uma família e acredito que parte desse desejo é ter um filho” (P106H); a chegada dos filhos pode indicar o desejo de deixar um legado. No presente estudo, identificou-se o anseio por ensinar, dedicar a vida a outrem, e transmitir valores e princípios: “preferimos ter para ter a alegria de ver nossa continuidade” (P85M); “acreditamos que podemos passar aos nossos filhos nossos valores, crenças e princípios. Ser pais é orientar, educar, amar e se dedicar a eles. Queremos muito poder dedicar nossas vidas a outras pessoas e umas delas seriam nossos filhos” (P23M). Além disso, evidenciou-se a importância de dar continuidade à história familiar, e a percepção de que as crianças revigoram e revitalizam as

dinâmicas: “os filhos vão completar nossa família, trazer mais felicidade, e dar continuidade a nossa história” (P238M).

Ademais, constatou-se a preocupação com questões funcionais, como receber cuidados no futuro e preencher possíveis vazios (Maldonado et al., 1996). O Participante 180 destacou: “ter uma família grande e estar sempre convivendo com irmão, tios, primos, sobrinha enfim sempre estar com a família. Algo que é muito valorizado. Ter filhos é pensar que futuramente não estaremos sozinhos!”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados deste estudo confirmam dados de pesquisas prévias sobre as razões atribuídas a intenção de ter ou não filhos. De modo geral, os dados revelaram diferentes razões que podem estar contribuindo para a redução das taxas de fertilidade no país. Questões como manutenção da liberdade e da autonomia e carreira foram destacadas e têm sido valorizadas socialmente (Alvarez, 2018; Biffi & Granato, 2017). No mesmo sentido, características sociodemográficas como nível educacional e situação financeira foram associadas às intenções reprodutivas (Hashemzadeh et al., 2021), como pré-condições para a parentalidade (Bodin et al., 2021).

Por outro lado, a parentalidade foi indicada como uma experiência que pode promover maturação e crescimento pessoal e conjugal (Matias et al., 2011; Matias & Fontaine, 2013), envolvendo a percepção de algo esperado para os adultos ou que simplesmente acontece (Alvarez, 2018; Ashburn-Nardo, 2017; Blackstone & Stewart, 2016; Matias & Fontaine, 2013). Em especial as mulheres tendem a embasar a decisão de ter filhos no desejo de se sentir conectadas e necessárias, enquanto os homens, à crença inerente de que a parentalidade trará a sensação de continuidade e satisfação (Mynarska & Rytel, 2020). Portanto, evidenciou-se a presença de modelos sociais tradicionais, mas também contemporâneos, refletindo ambivalências e dúvidas sobre a decisão de ter filhos, intrinsecamente associadas a variáveis socioeconômicas e relacionais.

Dentre as principais contribuições do estudo, destaca-se o uso de estratégia quantitativa e qualitativa, observando-se a congruência entre as diferentes formas de investigação, e, em especial, a participação de uma grande amostra de mulheres e homens. Assim, os dados podem apoiar o trabalho clínico com indivíduos e casais em processo de tomada de decisão ou pós-decisão, de forma a entender os processos subjacentes a intenção de ter filhos e como essa pode ter variações conforme o gênero (Blackstone & Stewart, 2016). Já dentre as limitações, acredita-se que o uso de apenas uma pergunta a ser respondida de forma escrita pode ter contribuído para que os indivíduos não explorassem de forma mais profunda suas respostas. Sugere-se para próximos estudos sobre a temática a inclusão de outras perguntas sobre temas específicos relacionados à família de origem, crenças familiares e percepções sobre os papéis parentais e de gênero.

## REFERÊNCIAS

- Albano, N. C (2015). *Conhecimentos sobre fertilidade, motivações para a parentalidade e atitude frente a doação de gametas e gestação de Substituição em Jovens Adultos* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório do Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/562>
- Almeida-Santos, T., Melo, C., Macedo, A., & Moura-Ramos, M. (2017). Are women and men well informed about fertility? Childbearing intentions, fertility knowledge and information-gathering sources in Portugal. *Reproductive Health*, 14(91), 1-9. <https://doi.org/10.1186/s12978-017-0352-z>

- Alvarez, B. (2018). Reproductive decision making in Spain: Heterosexual couples' narratives about how they chose to have children. *Journal of Family Issues*, 39(13), 3487-3507. <https://doi.org/10.1177/0192513X18783>
- Ambrosetti, E., Angeli, A., & Novelli, M. (2021). Childbearing intentions among Egyptian men and women: the role of gender-equitable attitudes and women's empowerment. *Demographic Research*, 44, 1229-1270. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2021.44.51>
- Ashburn-Nardo, L. (2017). Parenthood as a moral imperative? Moral outrage and the stigmatization of voluntarily childfree women and men. *Sex roles*, 76(5-6), 393-401. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0606-1>
- Barbiero, E. B., Baumkanten, S. T. (2015). Somos pais, e agora? A história de nós dois depois dos filhos. *Pensando Famílias*, 19(1), 32-45.
- Bernardes, J. W., & Marin, A. H. (2023). Individual and Relational Factors Associated to the Childbearing Intentions of Brazilian Women and Men. *Marriage & Family Review*, 59(6), 412-437. <https://doi.org/10.1080/01494929.2023.2175101>
- Bernardi, D., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2018). Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. *Contextos Clínicos*, 11(2), 161-173. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.112.02>
- Bernardi, D., Mello, R., & Carneiro, T. F. (2019). Ambivalências frente ao projeto parental: vicissitudes da conjugalidade contemporânea. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 9-23.
- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological methods & research*, 10(2), 141-163. <https://doi.org/10.1177/0049124181010002>
- Biffi, M., & Granato, T. M. M. (2017). Projeto de ter filhos: uma revisão da literatura científica nacional e internacional. *Temas em Psicologia*, 25(1), 207-220. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-14Pt>
- Blackstone, A. (2014). Doing family without having kids. *Sociology Compass*, 8(1), 52-62. <https://doi.org/10.1111/soc4.12102>
- Bhambhani, C., & Inbanathan, A. (2020). Examining a non-conformist choice: The decision-making process toward being childfree couples. *International journal of sociology*, 50(5), 339-368. <https://doi.org/10.1080/00207659.2020.1797265>
- Blackstone, A., & Stewart, M. D. (2016). "There's More Thinking to Decide" How the Childfree Decide Not to Parent. *The Family Journal*, 24(3), 296-303. <https://doi.org/10.1177/10664807166486>
- Bodin, M., Holmström, C., Plantin, L., Schmidt, L., Ziebe, S., & Elmerstig, E. (2021). Preconditions to parenthood: changes over time and generations. *Reproductive Biomedicine & Society Online*, 13, 14-23. <https://doi.org/10.1016/j.rbms.2021.03.003>
- Bogdan, I., Turliuc, M. N., & Candel, O. S. (2022). Transition to parenthood and marital satisfaction: A meta-analysis. *Frontiers in Psychology*, 13, 901362. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.901362>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Carmichael, G. A., & Whittaker, A. (2007). Choice and circumstance: Qualitative insights into contemporary childlessness in Australia. *European Journal of Population/Revue europeenne de demographie*, 23(2), 111-143. <https://doi.org/10.1007/s10680-006-9112-4>
- Castro, R., & Tapia, J. (2021). Health, childlessness and poverty in Latin American countries. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(1), e00248919. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00248919>

- Coelho, I. M., de Souza, D. C., & da Silva, I. R. (2020). Características do relacionamento conjugal de casais que optaram por não ter filhos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 56-69. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i67.559>
- Edin, K., & Kefalas, M. (2011). *Promises I can keep: Why poor women put motherhood before marriage*. University of California Press.
- Frisén, A., Carlsson, J., & Wängqvist, M. (2014). “Doesn’t Everyone Want That? It’s Just a Given” Swedish Emerging Adults’ Expectations on Future Parenthood and Work/Family Priorities. *Journal of Adolescent Research*, 29(1), 67-88. <https://doi.org/10.1177/0743558413502537>
- Gold, J. M. (2013). The experiences of childfree and childless couples in a pronatalistic society: Implications for family counselors. *The Family Journal*, 21(2), 223-229. <https://doi.org/10.1177/1066480712468264>
- Harrington, R. (2019). Childfree by choice. *Studies in Gender and Sexuality*, 20(1), 22-35. <https://doi.org/10.1080/15240657.2019.1559515>
- Hashemzadeh, M., Shariati, M., Mohammad Nazari, A., & Keramat, A. (2021). Childbearing intention and its associated factors: a systematic review. *Nursing Open*, 8(5), 2354-2368. <https://doi.org/10.1002/nop2.849>
- Hertz, R. (2006). *Single by chance, mothers by choice: How women are choosing parenthood without marriage and creating the new American family*. Oxford University Press
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2016). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>
- Koropecykj-Cox, T., Çopur, Z., Romano, V., & Cody-Rydzewski, S. (2018). University students’ perceptions of parents and childless or childfree couples. *Journal of Family Issues*, 39(1), 155-179. <https://doi.org/10.1177/0192513X15618993>
- Kreyenfeld, M., & Konietzka, D. (Eds.). (2017). *Childlessness in Europe: contexts, causes, and consequences*. Springer.
- Lazzari, E. (2021). *Pathways into childbearing delay of men and women in Australia. Longitudinal and Life Course Studies*. Bristol University Press. <https://doi.org/10.1332/175795921X16197735939121>
- Leal, D. F. S., & Zanello, V. (2022). “Não Tenho Filhos e Não Quero”: Questões Subjetivas Implicadas na Opção pela Não Maternidade. *Revista Psicologia e Saúde*, 14(3), 77-92. <https://doi.org/10.20435/pssa.v14i3.1949>
- Liefbroer, A. C. (2005). The impact of perceived costs and rewards of childbearing on entry into parenthood: Evidence from a panel study. *European Journal of Population/Revue Européenne de Démographie*, 21(4), 367-391. <https://doi.org/10.1007/s10680-005-2610-y>
- Lima, R. A., & Alves, I. C. B. (2010). As particularidades da (in) satisfação conjugal antes e depois da chegada dos filhos. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 30(79), 424-439.
- Lorenzo-Echeverri, L. N. (2020). *Exploring the Experience of Married Couples Making the Decision of Whether or Not to Have a First Child* [Tese de Doutorado, Nova Southeastern University]. Repositório da Southeastern University [https://nsuworks.nova.edu/shss\\_dft\\_etd/58](https://nsuworks.nova.edu/shss_dft_etd/58).
- Maldonado, M. T., Dickstein, J., & Naohum, J. C. (1996). *Nós estamos grávidos*. Saraiva.
- Matias, M., & Fontaine, A. M. (2013). Desenvolvimento e validação factorial da Escala de Motivos face à Parentalidade. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(54), 9-20. <https://doi.org/10.1590/1982-43272354201303>
- Matias, M., & Fontaine, A. M. (2017). Intentions to Have a Child: A Couple-Based Process. *Family Relations*, 66(2), 231-243. <https://doi.org/10.1111/fare.12250>

- Matias, M., Silva, A., & Fontaine, A. M. (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: Efeitos de gênero e estatuto parental. *Exedra: Revista Científica*, (5), 57-76.
- Matos, M. G. D., & Magalhães, A. S. (2014). Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando famílias*, 18(1), 78-91.
- Sassler, S., Miller, A., & Favinger, S. M. (2009). Planned parenthood? Fertility intentions and experiences among cohabiting couples. *Journal of Family Issues*, 30(2), 206-232. <https://doi.org/10.1177/0192513X08324114>
- Guedes, M., Carvalho, P. S., Pires, R., & Canavarro, M. C. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, 29(4), 535-551. <https://doi.org/10.14417/ap.102>
- Nomaguchi, K. M., & Milkie, M. A. (2003). Costs and rewards of children: The effects of becoming a parent on adults' lives. *Journal of marriage and family*, 65(2), 356-374. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00356.x>
- Nomaguchi, K., & Milkie, M. A. (2020). Parenthood and well-being: A decade in review. *Journal of Marriage and Family*, 82(1), 198-223. <https://doi.org/10.1111/jomf.12646>
- Organização das Nações Unidas (ONU) (2019). *World Population Prospects 2019: Highlights*. [https://population.un.org/wpp/publications/files/wpp2019\\_highlights.pdf](https://population.un.org/wpp/publications/files/wpp2019_highlights.pdf)
- Organização das Nações Unidas (ONU) (2020). *World Fertility and Family Planning 2020: Highlights*. [https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/family/World\\_Fertility\\_and\\_Family\\_Planning\\_2020\\_Highlights.pdf](https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/family/World_Fertility_and_Family_Planning_2020_Highlights.pdf)
- Peterson, H. (2015). Fifty shades of freedom. Voluntary childlessness as women's ultimate liberation. *Women's Studies International Forum*, 53, 182-191. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2014.10.017>
- Peterson, H., & Engwall, K. (2013). Silent bodies: Childfree women's gendered and embodied experiences. *European Journal of Women's Studies*, 20(4), 376-389. <https://doi.org/10.1177/1350506812471338>
- Pourreza, A., Sadeghi, A., Amini-Rarani, M., Khodayari-Zarnaq, R., & Jafari, H. (2021). Contributing factors to the total fertility rate declining trend in the Middle East and North Africa: a systemic review. *Journal of Health, Population and Nutrition*, 40(11), 1-7. <https://doi.org/10.1186/s41043-021-00239-w>
- Przybylska, E. M., & Wajsprych, D. (2019). Experiencing parenthood in early adulthood. *Family Forum*, 9, 151-172.
- Riggs, D. W., & Bartholomaeus, C. (2016a). "It's just what you do": Australian middle-class heterosexual couples negotiating compulsory parenthood. *Feminism & Psychology*, 28(3), 373-389. <https://doi.org/10.1177/0959353516675637>
- Riggs, D. W., & Bartholomaeus, C. (2016b). The desire for a child among a sample of heterosexual Australian couples. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 34(5), 442-450. <https://doi.org/10.1080/02646838.2016.1222070>
- Riggs, D. W., Worth, A., & Bartholomaeus, C. (2018). The transition to parenthood for Australian heterosexual couples: expectations, experiences, and the partner relationship. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 18(342), 1-9. <https://doi.org/10.1186/s12884-018-1985-9>
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 215-225. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200009>
- Rybińska, A. (2020). Trends in intentions to remain childless in the United States. *Population Research and Policy Review*, 40(4):1-12. <https://doi.org/10.1007/s11113-020-09604-9>
- Sampieri, R., Collado, C., & Lucio, M. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5 ed.). Penso.

- Settle, B., & Brumley, K. (2014). 'It's the Choices You Make That Get You There': Decision-Making Pathways of Childfree Women. *Michigan Family Review*, 18(1), 1-22. <https://doi.org/10.3998/mfr.4919087.0018.102>
- Shapiro, G. (2014). Voluntary childlessness: A critical review of the literature. *Studies in the Maternal*, 6(1), 1-15. <https://doi.org/10.16995/sim.9>
- Sørensen, N. O., Marcussen, S., Backhausen, M. G., Juhl, M., Schmidt, L., Tydén, T., & Hegaard, H. K. (2016). Fertility awareness and attitudes towards parenthood among Danish university college students. *Reproductive Health*, 13(1), 1-10. <https://doi.org/10.1186/s12978-016-0258-1>
- Stahnke, B., Blackstone, A., & Howard, H. (2020). Lived Experiences and Life Satisfaction of ChildFree Women in Late Life. *The Family Journal*, 28(2), 159-167. <https://doi.org/10.1177/1066480720911611>
- Varas, G. V. V., & Borsa, J. C. (2021). Predictor variables of childbearing motivations in Brazilian women and men. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 31. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3112>

*Recebido: 09/09/2023*  
*Aprovado: 15/12/2023*

**Sobre as autoras:**

**Jade Wagner Bernardes** é psicóloga (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como terapeuta de casais e familiar e como supervisora clínica. Tem experiência prática e de pesquisa em psicologia clínica e do desenvolvimento humano e familiar, atuando principalmente nos seguintes temas: processo de mudança em psicoterapia sistêmica, prática terapêutica sistêmica, família e processos de prevenção e promoção de saúde, motivação para a parentalidade e satisfação conjugal.

**Angela Helena Marin** é psicóloga (Universidade Federal de Santa Maria), mestre e doutora em Psicologia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Atualmente, é pesquisadora (Pq/CNPq) e professora dos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui experiência em psicologia clínica e do desenvolvimento humano e familiar, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência, família e processos clínicos de prevenção e promoção da saúde.

**Correspondência:**

Rua Ramiro Barcelos, 2600.  
Sala 221.  
Porto Alegre-RS, Brasil.  
CEP: 90035-003